

**ANAIS DO II COLÓQUIO DO LAHES:
MICRO HISTÓRIA E OS CAMINHOS DA
HISTÓRIA SOCIAL**

Comissão Organizadora:

Prof^a Dr^a Carla Maria Carvalho de Almeida (UFJF)

Prof^o Dr Cássio Fernandes (UFJF)

Prof^a Dr^a Mônica Ribeiro de Oliveira (UFJF)

Prof^a Dr^a Sônia Maria de Souza (UFJF)

Promoção:

Laboratório de História Econômica e Social

Programa de Pós-graduação em História da UFJF

Apoio:

Pró-Reitoria de Pesquisa

Instituto de Ciências Humanas

FAPEMIG

CAPES

Editoração:

Bianca Portes de Castro

Ficha Catalográfica:

II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social (2008: Juiz de Fora, MG). Micro História e os caminhos da História Social: Anais / II Colóquio do LAHES; Carla Maria Carvalho de Almeida, Mônica Ribeiro de Oliveira, Sônia Maria de Souza, Cássio Fernandes, organizadores. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008, <http://www.lahes.ufjf.br>.

ISBN: 978-85-88532-29-8

1. História 2. História Econômica e Social. I. Carla Maria Carvalho de Almeida. II. Mônica Ribeiro de Oliveira. III. Sônia Maria de Souza. IV. Cássio Fernandes.

AS DUAS SOMBRAS DO RIO, DE JOÃO PAULO BORGES COELHO: DO TRABALHO DO HISTORIADOR À ESCRITA DO ROMANCE, A HISTÓRIAS DOS REFUGIADOS DE MOÇAMBIQUE.

Roberta Guimarães Franco^{*}

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise do romance *As duas sombras do rio*, do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, publicado simultaneamente em Moçambique e Portugal em 2003, procurando ressaltar duas questões que consideramos relevantes para a construção desta narrativa: o papel (e o comportamento) do narrador e a presença de uma cartografia de fronteiras.

João Paulo Borges Coelho é professor de história e se dedica ao estudo das guerras ocorridas em Moçambique, a de independência e a guerra civil. Desse modo, interessa-nos verificar as incursões da história em seu romance, bem como problematizar a relação entre o autor e o narrador, identificando no discurso deste, características que o aproximam do ofício de historiador do autor.

Esse narrador nos apresenta uma cartografia do tempo da guerra civil em Moçambique, traçando os limites fronteiriços do país. É através desses espaços que as personagens do romance transitam, demarcando as fronteiras internacionais (Moçambique, Zimbabwe e Zâmbia), mas também as fronteiras internas, a clássica divisão entre o norte e o sul. O tempo da guerra ligado a estas fronteiras apresentarão um novo mapa, o que chamaremos de “cartografia de deslocamentos”. Os constantes ataques obrigam os moradores da região a se deslocarem por diversos espaços, muitas vezes sem chances de escolha, já que a única escolha possível é a sobrevivência.

Assim, nosso trabalho tratará da relação entre a literatura e a história, uma relação que consideramos complementar, principalmente no caso das recentes literaturas africanas. Entendemos que essa relação nos oferece variados elementos para que possamos compreender a realidade cultural, social e política desses países, e assim, conseqüentemente, poderemos entender as personagens dessa história, que pode ser fictícia, mas também pode ser bastante real.

^{*} Mestranda em Letras (UFF). E-mail: robertagf@uol.com.br.

Um narrador historiador

As relações entre literatura e história, apesar de parecerem recorrentes e, de muitas vezes, estarem no centro de alguns debates da atualidade, ainda causam algum desconforto, principalmente aos historiadores tradicionais. A divisão entre quais seriam os objetos de interesse da literatura e da história separam, desde há muito, estes dois campos do saber. O filósofo Aristóteles, em sua obra *Poética*, estabeleceu uma oposição entre história e poesia, ressaltando a superioridade desta: “a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular” (2004, p. 43). No entanto, literatura e história se aproximam pelo discurso, conforme White:

(...) as técnicas ou estratégias por eles [historiadores e escritores de ficção] usadas na composição dos seus discursos são, a meu ver, substancialmente idênticas, por muito diferentes que os seus textos possam parecer a um nível meramente superficial ou estilístico (WHITE, 2005, pp. 43-44).

Ainda segundo White, é a partir do século XIX que se generalizou a relação entre verdade e fato e, conseqüentemente, a ficção passou a ser o oposto da verdade, um empecilho ao entendimento da realidade. Embora no século XVIII já houvesse uma distinção entre “fato” e “fantasia”, a historiografia não era encarada como uma ciência do fato, completamente à parte da fantasia. Essa mudança ocorrida no século XIX “levou a que a história, ciência realista por excelência, fosse contraposta à ficção como o estudo do real em oposição ao estudo do meramente imaginável.” (WHITE, *idem*, p. 47).

A relativização dos objetos da história e a interdisciplinaridade propostas pela Escola dos *Annales*, a partir de 1929, proporcionam uma maior flexibilidade nas análises sobre a interação entre literatura e história. É inegável que a literatura, em diversos momentos e lugares, se apropriou de acontecimentos e/ou personagens reais para construir suas narrativas. Dessa forma, também é inegável que a literatura, além de trabalhar com elementos fictícios, também pode apropriar-se de elementos do real, alargando seu campo em relação ao da história.¹ Como afirma White,

Os historiadores ocupam-se de acontecimentos que podem ser localizados num tempo e num espaço específicos, acontecimentos que em princípio são (ou foram) observáveis ou perceptíveis, enquanto que os escritores de ficção – poetas, romancistas, dramaturgos – tanto

¹ Além disso, é importante lembrarmos dois significados que a palavra ficção pode ter: “relato ou narrativa com intenção objetiva, mas que resulta de uma interpretação subjetiva de um acontecimento, fenômeno, fato etc”, ou ainda, “criação artística (literária, cinematográfica, teatral, etc), em que o autor faz uma leitura particular e ger. original da realidade” (HOUAISS, v. ano, p. 1336).

se ocupam destes dois tipos de acontecimentos como de acontecimentos imaginados, hipotéticos ou inventados. (WHITE, idem, p. 43)

No caso das literaturas por nós estudadas, as literaturas africanas de língua portuguesa, aqui mais especificamente a literatura moçambicana, a relação estabelecida com a história, seja ela recente ou não, é mais do que evidente, pois as cinco ex-colônias de Portugal tiveram que lutar pela sua liberdade em plena segunda metade do século XX. Por isso, recuperar, relembrar e recontar as suas histórias é também uma questão de sobrevivência, de contínua reafirmação de si próprio.

Este é o caso do romance que analisaremos aqui, ou seja, *As duas sombras do rio* (2003). A narrativa, dividida em quarenta e três capítulos, se passa nas margens do rio Zambeze, na tripla fronteira entre Zâmbia, Zimbabwe e Moçambique, transitando pela história e pelos espaços da região. João Paulo Borges Coelho, como já dissemos na nossa introdução, é um historiador que trabalha com a história contemporânea de Moçambique, mais especificamente com a história das guerras recentes. Nesse sentido, o seu trabalho como historiador interfere diretamente na sua atividade de romancista, como afirma o próprio autor a respeito do livro que aqui analisamos:

Quando escrevi o primeiro livro fi-lo na sequência exactamente de uma experiência de trabalho, no Zumbo. Como eram tantas as história que me contavam, eu à noite tomava apontamentos de algumas coisas e subitamente comecei a escrever contos dispersos e subitamente comecei a ligar os episódios e acabou num romance. A partir daí ganhei a prática, não espero nenhuma inspiração para escrever e vou escrevendo e publicando os meus livros literários (COELHO, 08/2006)

Se pensarmos nos conceitos de Walter Benjamin que dividiu o narrador em dois tipos, o narrador-camponês e o narrador-marinheiro, identificamos este último como o narrador do livro *As duas sombras do rio*, um narrador viajante que conta experiências alheias. Baseando a nossa leitura no texto de Silviano Santiago, *O narrador pós-moderno*, identificamos o narrador à figura de um pesquisador. Ainda com Silviano Santiago: “De maneira mais simplificada pode-se dizer que o narrador olha o outro para levá-lo a falar (entrevista), já que ali não está para falar das ações de sua experiência (...)” (SANTIAGO, 2002, p. 43).

Desse modo o escritor uniu os relatos dos habitantes da região e transformou-os em um romance, mas também poderia transformá-los em um livro de história sobre a guerra civil moçambicana através do ponto de vista dos moradores, que não eram ligados aos partidos envolvidos na guerra.

Sobre esta relação entre o ofício de pesquisador e o trabalho artístico, Hal Foster já atentou para uma certa “inveja” entre artísticas e antropólogos. No entanto, podemos identificar, no caso das literaturas africanas de língua portuguesa, essa mesma relação entre escritores, sociólogo, historiadores, jornalista, entre outros profissionais. Vejamos as palavras de Foster:

Recentemente, a velha inveja do artista entre antropólogos inverteu a sua orientação: muitos artistas e críticos são agora consumidos por uma inveja do antropólogo. Se os antropólogos pretenderam explorar o modelo textual na interpretação cultural, estes artistas e críticos aspiram ao trabalho de campo que propiciaria uma aparente reconciliação entre teoria e prática. [...] estes empréstimos são apenas sinais da viragem etnográfica na arte e crítica contemporâneas (FOSTER, 2005, p. 274)

No entanto, não é apenas a profissão do escritor que liga o romance à história de Moçambique. Alguns trechos do romance nos fornecem informações históricas sobre o período em questão. Além disso, podemos identificar claramente durante a narrativa, a presença de elementos que ligam o narrador a procedimentos dos historiadores. É essa questão que nos interessa de fato agora e para demonstrá-la separamos três passagens importantes do romance.

A primeira delas descreve o desespero da população diante do início da guerra através dos binóculos do comandante. Apesar de o trecho ser extremamente poético, a análise que o narrador faz sobre os binóculos e a sua capacidade de nos aproximar da realidade, mas também de falsificá-la, é facilmente ligada à presença de um historiador. O trecho é longo, mas necessário:

O comandante pediu uns binóculos e só então as coisas começaram a fazer sentido. Saltava para a esquerda e para a direita colhendo fragmentos, rostos apavorados, pessoas em movimento envoltas em silêncio. Os binóculos têm esse estranho condão de falsificar a realidade, arrancando-lhe os sons e os cheiros que são o seu sal, emprestando-lhe uma nitidez que está muito para além da verdade. Uma assepsia que nos afasta das coisas e nos desumaniza, como se fosse possível tal agitação coexistir com tão total silêncio. (...) E os acontecimentos evoluem a ponto de dispensar os aparelhos de ampliação da realidade uma vez que esta se amplia por si própria, velozmente, a cada minuto que passa. É agora claro que um mar de gente está a entrar pelo Aruângua adentro em barcos, jangadas e troncos, e sobretudo a pé. É também claro, agora, que uma grande guerra se está a desencadear no Zumbo. (COELHO, 2003, pp. 81-82)

No trecho seguinte, o narrador, admitindo a interpretação dos acontecimentos, analisará o caminho seguinte aos fatos. A narração problematiza a transformação dos fatos em notícias, admitindo que muitas vezes, o que realmente interessa não é noticiado:

Interpretados os acontecimentos, muita coisa há a fazer. (...) A notícia fará alguns caminhos, para os cantos dos jornais da capital zambiana, para a embaixada moçambicana, e dali para Maputo. E pouco mais, que são insondáveis os desígnios que globalizam as notícias (quantas pequenas notícias se agigantam todos os dias, quantas grandes notícias como esta envelhecem discretas) (COELHO, idem, pp. 82-83)

No último trecho que selecionamos a relação fica mais do que evidente, já que o narrador nos dá uma definição do que é história, partindo dos fatos que ele observa, já que também é claro no romance que o narrador não participa dos eventos, ele é apenas um observador dos acontecimentos:

Enganavam-se, porém, os que pensavam ser aquele o seu destino. Porque não há um só destino, há sempre um destino atrás do outro, todos os dias, sucedendo-se ou correndo como a água do rio, e a sucessão de todos os destinos principais e paralelos é a história. (COELHO, idem, p. 100)

Além dos trechos mostrados aqui, outro elemento nos indica a presença desse narrador externo a todo tempo avaliando ou levantando dúvidas sobre os fatos narrados. Durante todo o romance observamos a presença de várias frases entre parênteses, as quais refletem sobre os acontecimentos. Aqui daremos só um exemplo para não nos estendermos muito. Diante de um fato em que a personagem Sixpence chama vários pescadores para ajudá-lo, o narrador vê nessa ajuda futuros testemunhos para a sua narrativa, “(este facto interessa na medida em que permitiu que os eventos seguintes tivessem testemunhas)” (COELHO, idem, p. 31). Romancistas não se preocupam com testemunhas, mas a história sim precisa delas.

Pequenas histórias: cartografias de deslocamentos

*Ter raízes é talvez a necessidade
mais importante e menos
reconhecida da alma humana
Simone Weil ².*

Nesse segundo momento do nosso trabalho o que nos interessa são os movimentos em torno da tríplice fronteira Moçambique – Zâmbia – Zimbabwe, gerados pelos embates da guerra civil. É nessa fronteira que as personagens se movem criando o que chamaremos de

² WEIL, Simone apud SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 2003, p. 56.

uma cartografia de deslocamentos. Ao tratar desses deslocamentos o romance não deixa também de problematizar a história oficial de seu país. Da mesma forma como Sevcenko apontou para a literatura brasileira, as literaturas africanas de língua portuguesa também funcionam como um testemunho de suas épocas. Elas revelam momentos de tensão, revêem e recontam a história oficial com a sua própria voz, tantas vezes calada à força. E são essas “literaturas como missão”, missão de reafirmar as suas identidades apesar, dos duros anos de opressão, que cumpre o complexo ritual que “tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo” (SEVCENKO, 2003, p. 284)

Edward Said já afirmou que a questão do exílio nos compele a pensar sobre ela, apesar de esta ser uma experiência “incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46). No entanto, tanto a literatura quanto a história nos apresentam vários episódios sobre essa questão. Talvez esta seja uma tentativa de minimizar a dor resultante desse tipo de processo, e por isso Said ressalta que este é um tema vigoroso, já que “a moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados” (SAID, *ibidem*)

O romance de João Paulo Borges Coelho se inicia com um pescador desmaiado num pequeno banco de areia no meio do rio, entre a margem norte e sul. Desse forma a narrativa demarca a sua primeira fronteira, a clássica divisão entre o norte (com influências muçulmanas) e o sul (com influências católicas) de Moçambique. Assim, Leónidas Ntsato se vê entre a cobra e o leão:

Um pouco adiante, de volta ao rio, o risco deixado pela almadia era agora uma gigantesca cobra reluzante e silenciosa contorcendo-se à flor da água. Uma cobra da qual, como um corpo só, a almadia e o remador constituíam a cabeça. A grande cobra do M'bona, a origem do mundo e de todas as coisas. Uma cobra portadora de presságios
(...)

Assustado, desviou o olhar para sul, para a margem algo distante (que o rio aqui é largo). Como sempre, vista dali a margem estava negra e com os detalhes esbatidos pela distância. Aguçou o olhar e pareceu-lhe descortinar nela gigantescas bocas de leão, muito abertas, aos mesmo tempo que aos seus ouvidos delirantes chegava o som cavo do seu rugido, entoado em unísono:

- Vôôôôôô!” (COELHO, 2003, pp. 12-13)

Por estar neste lugar “entre”, não ser um nem outro, Leónidas passa um tempo desacordado e quando retorna não se encontra no seu estado “normal”. Então, a família resolve levá-lo ao feiticeiro Gomanhundo que detecta o problema daquele morto-vivo:

– O problema é muito grave. O teu marido está entre o norte e o sul – começou ele. – diz coisas com algum nexos mas que todas juntas não fazem sentido. Entre o norte e o sul. Por

vezes revela a força do leão e fala como se fosse um verdadeiro m'phondoro, com os olhos vermelhos a faiscar de cólera e toda a força da terra. Mas logo em seguida esse discurso de macho irreflectido do sul se acalma e ele torna-se sereno e azul como as águas profundas. Revela então uma grande sabedoria que á apanágio das mulheres e da grande cobra do norte. (COELHO, idem, pp. 36-37)

Paralela a estória de Leónidas o romance, que apresenta um mapa da região logo após o seu índice, como um guia eficiente para os leitores, traz as estórias dos moradores do Zumbo. Esta região sofre um bombardeio aéreo durante a guerra civil, então, seus moradores fogem para a Feira, já território da Zâmbia. Essas pessoas, ao atravessarem a fronteira, passavam, sem saber, a uma nova condição de vida, deixavam de ser cidadãos moçambicanos para serem refugiados moçambicanos na Zâmbia:

E estes sobreviventes bebiam já numa nova qualidade – a de refugiados –, que camponeses e pescadores haviam deixado de ser a partir do momento em que transpuseram o rio. São agora refugiados e é próprio dos refugiados agradecer. É próprio dele tremer de frio, olhar em volta em sucessivas procuras, chorar de alegria e de tristeza. Mais tarde virão os camiões – uma longa e barulhenta fila – para os levar para Unkwini, o campo de refugiados, onde o seu novo estatuto será oficializado. (COELHO, idem, pp. 83-84)

Podemos identificar no romance a falta de possibilidades dessas populações. Sem recursos, fogem como podem para onde a solidariedade os abriga. Assim, recuperamos as palavras de Stuart Hall sobre os movimentos migratórios : “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2006, p. 28).

A condição de refugiados não é somente uma questão territorial. Ao transpor a fronteira, essas pessoas se afastam das suas raízes, as suas identidades entram em choque com as identidades locais. Assim, além dos territórios como os conhecemos, marcados por linhas fronteiriças, os deslocamentos nos apresentam um território desconhecido, no qual culturas e identidades várias se cruzam num perigoso caminho de não-pertencimento. Segundo Edward Said:

E logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’ está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e, onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados ou pessoas deslocadas. (SAID, 2003, p. 50)

É nessa condição de “não-pertencer” que as pessoas tentarão reconstruir suas vidas e construir novas histórias. No entanto, a condição de refugiado se transforma numa marca,

uma marca evidente que os coloca em lugar de destaque diante dos outros moradores do local, os moradores “originais”. Ainda para Said a condição de refugiado é “uma criação do Estado do século XX. A palavra “refugiado” tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorteada que precisa de ajuda internacional urgente” (SAID, *idem*, p. 54).

É a partir das histórias que João Paulo Borges Coelho ouviu, pequenas histórias, histórias das famílias que habitavam as regiões fronteiriças (como mostra o mapa no livro), que a condição dos refugiados será contada. Assim, práticas comuns ganham uma nova dimensão diante do novo status que essa população ocupa. Um exemplo claro dessa situação é a reflexão sobre o casamento, mostrada através do alívio que o pai de Amina sentiu ao receber o dinheiro referente ao lobolo de sua filha, afinal:

Os refugiados não casam as filhas, apenas deixam de as controlar. Não têm estabilidade nem imponência social que permitam apóia-las na altura do casamento. Anônimos, pobres, só lhes resta esperar pela fatídica notícia de que elas foram um dia derrubadas por algum jovem fogoso, esperar que a barriga lhes cresça e finalmente amar um neto sem o poder manifestar, por ele ser fruto da vergonha. (COELHO, 2003, p. 22)

Outra passagem bastante significativa do romance, que a princípio pode passar despercebida, é o capítulo intitulado “A máquina de costura”, no qual o narrador contará a história de Amoda Xavier, jovem que sai da sua região para ver como o rio Zambeze entra no território moçambicano, ou seja, ele vai para a região das três fronteiras. Quando casa com Maria Isabel (mais um casamento louvado já que ela era viúva e mais de três filhas), os dois se mudam para a região do Zumbo, mas Amoda continua a viver entre as fronteiras como pescador.

O que nos chama a atenção nesse capítulo é como a introdução de pequenas máquinas na vida dessas pessoas pode causar tanta movimentação. Amoda vendia seus peixes para a congoleza Mama Mère (mais uma personagem que demonstra os deslocamentos), e na sua loja Amoda avista primeiramente um rádio que, do dia para a noite, vira o sonho de consumo do pescador:

*A princípio vinham em troca roupas para as crianças, bolachas, coisa pouca que Mama Mère era prudente e queria experimentar Amoda quando à continuidade. Seis meses mais tarde este último permitiu-se ambições mais largas e trouxe para casa um aparelho de cassetes de seis pilhas, verdadeiro fenómeno da tecnologia, redondo e brilhante, que alterou profundamente os sons de Bawa (...) (COELHO, *idem*, p. 120)*

A vida dos moradores fica movimentada com a chegada do aparelho. Acontecem várias reuniões em torno do rádio, nas quais as pessoas cantam e dançam. No entanto, Amoda

começou a ficar incomodado com a invasão de sua casa e com os gastos que tinha para alimentar as reuniões e também o rádio. Assim, Amoda guarda o rádio e se “apaixona” por uma máquina de costura, mais um grande negócio para Mama Mère e mais uma agitação para a pequena região:

É certo que muita gente já vira máquinas de costura. Havia inclusivamente duas no Zumbo, da cooperativa. Mas nova e bonita como aquela, nunca. Além disso era a primeira vez que chegava a Bawa. Os ajuntamentos duraram pouco desta vez: a música, pela sua natureza, embala os ouvidos, faz mexer o corpo, solta a imaginação, chama muito mais que o ronronar monótono de uma máquina de costura em acção. Vista uma vez, revista mais duas ou três para certificar, perde os segredos e o encanto. (COELHO, idem, p. 123)

Neste capítulo João Paulo Borges Coelho dá destaque a história de Amoda e sua paixão pelas máquinas, uma forma de demonstrar como pequenas coisas podem se agigantar diante das circunstâncias precárias vividas por essa população massacrada pela guerra civil. Por mais que os deslocamentos apareçam como um pano de fundo neste capítulo, é importante atentar para a história de Amoda, construída a base de muitas migrações no território moçambicano. Além disso, este capítulo também mostra a necessidade de se deslocar para conseguir sobreviver, não somente para fugir da guerra, mas também para fazer negócios e trocas de mercadorias.

Conclusão

Dessa forma, João Paulo Borges Coelho nos oferece um importante relato sobre os deslocamentos originados pela guerra civil, pela necessidade de sobrevivência. Seu romance dialoga com a história através do seu conteúdo, mas também pela proximidade do seu narrador com o ofício de um pesquisador. Assim, o romance é concluído ao fornecer uma explicação longínqua para esses deslocamentos, identificando a sua origem no processo colonizador e no tráfico negreiro através do rio Zambeze:

O Zambeze é uma larga e majestosa fita de prata que separa a terra do céu. Uma grande cobra que vem de Angola e corre para o mar, para o fim do mundo. Da boca dessa cobra gerações e gerações de antepassados se despediram desta vida e penetraram nas brumas do além amarrados uns aos outros, e ainda bem, porque desta forma, muito juntos nos porões escuros dos barcos, ficava pouco espaço para os seus medos e terrores. (COELHO, idem, p.)

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas - Volume 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

COELHO, João Paulo Borges. *As duas sombras do rio*. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

_____. *Entrevista*. Em agosto de 2006. Disponível em: macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/joo_paulo_borges_coelho_entrevista.doc (Acesso em maio de 2007)

_____. *É através de Moçambique que eu vejo o mundo*. Em abril de 2006. Disponível em: macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/joo_paulo_borges_coelho.doc (Acesso em maio de 2007)

FOSTER, Hal. O artista como etnógrafo. Tradução: Manuela Ribeiro Sanches. IN: SANCHES, Manuela Ribeiro. *Deslocalizar a Europa – Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares; Francisco Rüdiger; Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.